

Comunidade ou barbárie no século XXI



Por: Francisco Bosch¹

15 de fevereiro de 2025

Eu te agradeço porque me escutaste
e me salvación.
A pedra que desecharon os construtores
é agora a pedra angular
(SI 118, 21-22).

A vida é um suspiro. Todos os que tocamos a morte sabemos disso. Todos os que estivemos tocados pela morte não podemos esquecê-lo, embora gostássemos.

O sistema civilizatório é um edifício construído com alfinetes. Não é necessário nem mesmo o sopro de lobos para fazer sua estrutura tremer. Essa construção com cimentos no Dios-dinero, nos reclama pensar que podemos construir com os escombros. **Construir em tempos de derribo.**

Há uma fé que sustenta a vida em meio à morte. Há uma re-ligação que nos mistura em tempos de purismos. Há mãos, entrelaçadas, construindo com os escombros da estrutura que está caindo.

Trata-se de uma operação de risco supremo: enquanto o velho mundo está caindo e os fantasmas do fascismo se agitam, **xs de baixo se esforçam para construir um novo abrigo para a humanidade sobreviver.**

Há comunidades de fé na NostrAmérica que estão fazendo isso. Somos testemunhas!

[*Esclarecimento:* Neste artigo, pretendo responder de forma muito pontual a três perguntas para esta hora eclesial (disculpen as obviedades, mas estamos em tempos de extrema confusão): **qué hacer? Construir comunidade; como fazê-lo? De volta ao modo das primeiras comunidades; com quem? Irmãos escutadores e comunidades palavreras]**

¹ Argentino. Teólogo, educador popular e sistematizador de processos populares. Faz parte das Comunidades Eclesiais de Base.

De volta ao fundamental: simplificar a sinodalidade a partir da pedra angular

Um martelo gigante bate na parede. Ele é compartilhado, ao grito de “pasa la mazeta”, entre cinco homens e uma mulher. Cada um dá cerca de dez golpes e rola a ferramenta em meio à poeira. Depois de duas horas, um três por seis, feito de cimento e ladrilhos, foi reduzido a escombros. A mesma cooperativa de construção, arma a unos cinco metros, um forno de barro para o santuário onde estão trabalhando: serão necessários quatro meses para deixá-lo pronto.

Os cimentos de algo novo terão escombros do antigo, algumas rocas de outra pedreira, mas serão tão simples quanto aqueles que sempre fizeram parte da humanidade. **Se a palavra sinodalidad gerar problemas, podemos dizer simplesmente comunidade.** Até o som é parecido e é mais fácil. Vivendo em sinodalidade, podemos ser construtores de comunidade.

O diagnóstico parece ser compartilhado desde o bispo de Roma até as comunidades mais perdidas: enquanto o vírus individualista invade tudo, o caos anti-coletivista quer destruir qualquer base de unidade. **De volta à pedra angular, para construir em comunidade.**

Jesus, o Cristo, é o cimento para poder construir algo descentrado. **Essa pedra fundamental, sacada dos escombros, dos descartes, deve ser colocada no centro outra vez.** Enquanto ‘os engenheiros do caos’ negociam com a necessidade das multidões, é possível e apremiante tecer outro laço.

O gosto por romper, por destruir, essa espécie de coqueteio com a gravidade e sua força, deve encontrar uma resposta, quase anti-natura, em **uma comunidade disposta a levantar um lar para habitar a intempérie**, embora deva lutar contra a lógica do mercado (tão onipresente quanto a gravidade).

O modo em jogo: a ordem dos fatores muda tudo

A Igreja local, em sua articulação, é o lugar em que podemos experimentar mais imediatamente a vida sinodal missionária de toda a Igreja. As contribuições das Conferências Episcopais falam das paróquias, das comunidades de base e das pequenas comunidades como âmbitos de comunhão e participação na missão (IL 89).

Jesús, o Cristo, é a pedra angular. Seu seguimento em comunidade é o modo, o movimento que acordam as Páscoas: a do Êxodo, a do Gólgota, as que vivem nos seres humanos em cada tempo, quando Deus passa por sua vida e sua comunidade. **Em Jesus a rocha, nas comunidades o método.**

O todo é maior do que as partes, mas pode ser visto nelas hologramaticamente: uma comunidade se reúne em uma favela do Paraguai, vai chegando, pouco a pouco, conta histórias da semana, constrói um pequeno altar, quando quase todos estão lá, abre a palavra, pega uma vida, inaugura um tempo improdutivo

que constrói o fundamental: **leem a fé das palavras escritas, colocam esse tecido de histórias em diálogo com suas vidas**, com o que acontece no bairro, e acabam comendo, consagrando esse tecido que Deus gera entre a Tradição e a vida, para voltar melhor para casa, para continuar sendo “henduháras” (ouvintes).

O primeiro é escutar. Em meio ao barulho do desmoronamento. A voz de todos vale, não há maior marca de participação do que o silêncio que habilita a voz das mais caladas, dos últimos. A roda é a forma ritual por excelência, que contém e mistura nossas histórias com as do livro sagrado.

Desde aqui, uma capilaridade inversa torna possível o milagre: o coração da cebola são as comunidades, com seu pequeno modo de celebrar a fé, que consagra a comunhão entre Deus e nossa vida, que atualiza o pacto entre Deus e seu povo. Essa humildade que anida no coração da cebola, deve passar por todas as capas, **para derribar o que deve cair e para dar vida ao que precisa crescer.**

Dando passos, sem pedir licença, **respondendo às necessidades que surgem na comunidade, construindo em ‘fidelidade criativa’.** A partir daí, se a instituição em posição de escuta, registro, sistematização e formalização de um sentido de fé, pode ajudar a ter “uma instituição à altura da fé de nosso povo”.



Caminhar com firmeza é optar: um ministério da escuta para aprofundar a Palavra

Por isso, parece sumamente oportuno dar vida a um ministério de escuta e acompanhamento reconhecido e possivelmente instituído, graças ao qual esse rasgo característico de uma igreja sinodal pode ser experimentado concretamente (IL 34).

Para construir é preciso tomar opções, muitas delas ao calor da urgência. **É «justo e necessário» que a instituição reconheça as «sementes ministeriais do Verbo»** que já germinam, crescem e dão sombra às comunidades que se reúnem no cobiço dessa árvore.

Os “poetas sociais”, como o Papa Francisco chama há dez anos aqueles que criam a partir do descarte, não são apenas os movimentos sociais, mas toda comunidade eclesial que busca a maior historicização possível do Reino de Deus, a partir do povo crucificado. **Esse é o sujeito plural e principal da reforma da Igreja: aqueles**

que foram silenciados, aquelas que não foram escutadas, mas que sempre estiveram lá, arrumando uma toalha de mesa, colocando algumas flores, enriquecendo a fé da comunidade com suas orações e servindo a comunidade.

Reconhecer um ministério da escuta, como complemento do ministério da palavra, porque se trata da mesma tarefa. **O método martirial do beato Angelleli: um ouvido no povo e outro no evangelho, escuta e palavra se retroalimentam,** se precisam, se atraem. Por isso, uma Igreja sinodal talvez seja uma assembleia de irmxs escutadorxs para construir comunidades palavreras.